

## Mulheres e imagem corporal: o corpo ideal ou um ideal para um corpo?<sup>1</sup>

Maria de Fátima Machado de Albuquerque<sup>2</sup>

### Resumo

*Essa é uma pesquisa sobre mulheres e suas concepções de imagem corporal. A partir de uma perspectiva de gênero e de pressupostos teóricos que orientam sobre a questão da formação da identidade de gênero, o estudo apresenta resultados de um trabalho de campo desenvolvido em Maceió, com adolescentes do sexo feminino de diferentes classes sociais. Os resultados mostram que as diferenças encontradas nas representações sociais dos ideais de corpo de mulher guardam uma estreita relação com a classe social e os ideais de beleza e imagem corporal.*

Esse trabalho teve como objetivo, levantar algumas informações sobre como meninas adolescentes, pertencentes a várias camadas sociais de Maceió, percebiam o corpo da mulher.

A idéia da pesquisa nasceu a partir de uma experiência que vivenciei, quando fazia aconselhamento nutricional para crianças e adolescentes. Um certo dia, uma adolescente nos seus 12 anos sentou-se à minha frente e, quando perguntei em que podia ajudá-la ela me respondeu: “queria que você me desse um corpo... igual ao das minhas amigas que já arranjaram namorados...” e, ao mesmo tempo em que dizia isto, suas mãos desenharam no ar a forma de um violão.

Essa foi talvez, uma das mais fortes falas que escutei durante os anos de aconselhamento. E, foi a partir destas falas que descobri que, muitas das queixas que guiavam aquelas crianças e adolescentes ao meu consultório, não diziam respeito a uma questão de desequilíbrio de peso ou tamanho mas de uma insatisfação com o “se sentir daquela forma”.

No caso dessa adolescente, o que ficou claro foi que, mais do que um problema biológico de excesso de peso, ela também apresentava uma queixa de forte conotação psico-social. Com efeito, os resultados de sua avaliação antropométrica indicaram que a “inadequação de peso” referida pela paciente não se expressava dentro de uma faixa considerada “anormal” para os valores esperados para seu sexo, idade e altura. Sua insatisfação

era relativa à forma e não ao volume, e isso podia ser entendido pelo desenho do violão.

A partir desse e de tantos outros casos, comecei a refletir sobre a questão corporal. Qual o significado do corpo nos dias de hoje? O que pensam as mulheres sobre o corpo? E as/os adolescentes? E os homens? E as crianças?

Assim, a partir de uma perspectiva de gênero, o presente estudo tomou como eixos privilegiados, os estudos do conceito de gênero, os significados do corpo, a formação de estereótipos e a percepção corporal. Neste sentido, tentei iniciar uma nova forma de estudar as questões da estética e saúde corporal a partir de um modelo interdisciplinar que contemplasse o entendimento da representação social do corpo.

A condução da pesquisa foi norteadada por alguns pressupostos teóricos (Passos, 1999) – primeiro, o de que a identidade de homens e mulheres é uma construção social que decorre entre outros motivos, do modo como o mundo lhes foi apresentado, da educação recebida, da cultura dominante, das relações que trava, de como é reconhecido/a pelo grupo; segundo, de que são as relações de gênero que determinam o que é ser homem e ser mulher, relações estas que envolvem valores, culturas e que são construídas, aprendidas e ensinadas socialmente; e finalmente o pressuposto de que é na identificação de gênero que a formação do estereótipo se consolida.

<sup>1</sup> Trabalho de pesquisa financiado pelo CNPQ. Reúne pontos do projeto Mulheres e Imagem Corporal. (1999-2001). Apresentado numa QUINTA-CULTURAL de novembro/2002.

<sup>2</sup> Nutricionista, professora adjunta do departamento de Medicina Social da UFAL e PhD em Ciências pela London University (Inglaterra).

### Questões Metodológicas

O local escolhido para desenvolver a pesquisa foi a cidade de Maceió, capital do Estado de Alagoas, e que é considerada área central para atividades econômicas e sócio-culturais do Estado. O universo das adolescentes do sexo feminino, residentes na cidade de Maceió foi escolhido para ser o grupo investigado.

A opção por uma abordagem qualitativa foi feita, considerando que a palavra e seus significados trazem à tona as particularidades da visão de mundo que estas adolescentes experienciavam. Neste sentido, o “conceito de ‘visão de mundo’, apreendido através do indivíduo, é a integração do pensamento individual no conjunto da vida social, sobretudo pela análise da função histórica das classes sociais” (Jardim, 1996, 05). A partir dessa perspectiva, escolhi investigar qual a representação social dessas adolescentes em relação ao corpo da mulher. Segundo Minayo (1994, 158), o termo representação social ou coletiva “significa a reprodução de uma percepção anterior ou do conteúdo de pensamento. Nas ciências sociais, é definida como categoria de pensamento, de ação e de sentimento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a.”

A estratégia de pesquisa adotada foi baseada na Metodologia Rap (Procedimentos de Assessoria Rápida) que é um método de enfoque antropológico que foi desenvolvido pela Universidade das Nações Unidas. Entrevistamos adolescentes do sexo feminino, pertencentes a várias camadas sociais de Maceió. Mesmo considerando que as diferenciações de classe podem levar a diferenciações nas experiências de vida, buscamos escutá-las, baseadas no pressuposto de que elas teriam um núcleo comum que as identificava e estruturava suas representações de feminino (Sobral, 1977). Elas tinham entre 10 e 18 anos e estavam em locais diferentes tais como escolas privadas e públicas, morando

em instituições filantrópicas de orientação católica e protestante e também nas ruas.

A *conversa* foi realizada com o auxílio de uma entrevista semi-estruturada e de um gravador. A estruturação da entrevista foi feita considerando os seguintes temas: 1º - Percepção das características de corpo da mulher; 2º - Percepção do próprio corpo e 3º - Satisfação relativa ao próprio corpo. A partir destes temas foram elaboradas as seguintes perguntas: Como você acha que deve ser o corpo de uma mulher? Como você acha que é o seu corpo? Você gosta de seu corpo? Por que você acha isso de seu corpo?

Este artigo focalizará exclusivamente os resultados da pergunta sobre o corpo da mulher.

### Resultados e discussão

*Como você acha que deve ser o corpo de uma mulher?*

A história individual já traz por si só a idéia de diversidade, de diferenciações de definições. Neste estudo, as diferenciações não se deram somente entre as adolescentes, mas também entre os grupos sociais considerados. As semelhanças se encontraram nos estereótipos, as divergências nos contextos sociais.

Para as escolares da rede privada, o corpo de mulher é composto de muitos elementos estéticos<sup>3</sup>

*“Bonito, é... Violão... tipo violão [gesticulou com as mãos], só...sei lá !!!” 11 anos*

*“Ser um corpo perfeito. Assim... a pessoa tem que ser, sei lá...bem dividida. Tem que ter as pernas grossas, um bundão, cintura fina, sem barriga (de preferência)... assim...perfeita!... adequada, entendeu ?” 17 anos*

<sup>3</sup> Todas as transcrições são literais

## Mulheres e imagem corporal: o corpo ideal ou um ideal para um corpo?

*"Eu acho assim que deve ser... deixa eu ver... dá prá parar aí não ???? Sei lá! perfeita... assim, no peso normal. Eu acho que deve ser assim: perfeito...altura, peso de acordo...assim que nem essas modelos... assim...sei lá!" 14 anos*

Características semelhantes foram encontradas nas escolares do setor público:

*"Eu acho que deve ser assim...bem feito. Bem feito assim: ter cintura (pegando na cintura) ééé...os peito não muito caído..... a bunda não muito batida..." 11 anos*

*"Não sei.... deve ser bonito. Ah! eu não sei! não sei! Deve ter um pouquinho mais de poupança (rindo)... menos seios.... coxas grossas...um corpo bonito...altura (tem que ser alta)... só isso!" 12 anos*

*"Ser bonito... é... bem feito! Assim, ter o corpo bem feito que nem um violão [fez o formato de um violão com as mãos]" 12 anos*

*"Tem que ser bem feita... curvinha na cintura (riso) peito...peito mais ou menos grande... maga... os quadris, nem meio, nem mais muito alto, nem muito largo. Hummmmm... o rosto bonito, os olhos azuis (... de qualquer cor...) cabelo cacheado grande, nem meio alta nem meio baixa. Eita!(riso) Também nem gorda, nem muito magra" 14 anos*

*"Ter um corpo normal.... magra.... ser magra, ter o pé pequeno...o pé grande não !!!" 13 anos*

Todos os elementos trazidos nestas falas, nos mostram um corpo há muito conhecido... um corpo com curvas (do tipo

violão), um corpo impregnado de medidas (alto, baixo, médio), um corpo sob a interdição da beleza estereotipada.

A composição do "corpo ideal da mulher" é uma construção cultural, que pode ter sua especificidade na base do contexto social de quem a está fazendo. A valoração deste modelo tem suas raízes nos critérios que definem o que atrai e o que não atrai, numa mulher, ao homem. A discrepância do que é aceito ou não, enquanto característica de atração (incluída aqui a questão de gênero) e feminilidade, definem os "padrões" a serem perseguidos, sendo a montagem e reconhecimento destes padrões um fator importante de identificação ao seu papel social e sexual. O corpo ideal é o que deve "ser" e "estar contido" em todas as mulheres. O "corpo ideal da mulher" é o que reflete o que deve ser ou representar para o seu grupo social.

Um estudo, na Inglaterra, com adolescentes de ambos os sexos na faixa etária de 12 a 16 anos, oriundos da classe média e da classe trabalhadora, mostrou que tanto a idéia de um "homem ideal" quanto de uma "mulher ideal" estavam presentes em seus imaginários. A "mulher ideal" deveria ser *bonita, magra mas voluptuosa e ter cabelos compridos*. O "homem ideal" por sua vez deveria ser *musculoso, corpo em formato V (cintura fina e ombros largos) e de cabelos curtos*. Tais diferenças nos mostram que os ideais de imagem corporal são multidimensionais e apresentam diferenças relacionadas ao gênero. (Dittmar, 2000)

As meninas que moravam em instituições filantrópicas sob orientação religiosa (católica e protestante) nos mostraram um "corpo de mulher" um pouco diferente, onde a estética era apenas uma das interfaces:

*"Eu acho que é do jeito que Deus fez a gente!" 11 anos*

*"Ser limpo! E também o peito.... que ele cresce muito... às vezes a pessoa fica passando vergonha no meio da rua! (risos)" 12 anos*

*"Não sei de nada não! Tá bom assim o corpo! Acho que não deveria ter a menstruação..." 15 anos*

*"Tem que ter higiene, cuidar bem do corpo, não deixar ninguém tocar..." 14 anos*

*"Normal... cheio de charme...só! Do jeito que Deus quiser" 13 anos*

*"Sei não... tem que ser limpo, conservado... tem que ter cabeça... tudo que tem um corpo... olhos verdes" 15 anos*

Um corpo limpo pode ser para este grupo o corpo que mais se identifica com a mulher. Certamente é um corpo com formas, mas é principalmente um corpo que tem que ser limpo das sujeiras (provavelmente uma sujeira relacionada com a pobreza, com os pés descalços, com a higiene corporal comprometida pela falta de água e de condições ambientais). O corpo de mulher para este grupo também aparece como algo divinamente criado, imaculado e, portanto, que "não deve ser tocado" "não deve ser mudado". É provável que, apesar de correntes divergentes (católicos e protestantes) a orientação religiosa segue os rumos da interpretação do cristianismo para o qual o corpo é a carne (e a carne é algo a ser conquistado... uma vez que nada há de bom na carne) e a beleza uma tentação sensual e uma vaidade mundana (Etkoff, 1999). Deveria também ser um corpo sem as mudanças que a adolescência traz... sem a menstruação... sem os seios crescidos. A mudança no corpo durante a adolescência traz à tona o despertar "oficial" da sexualidade e da possibilidade da fertilidade e, para a mulher, essa é uma ligação direta com a possibilidade da "tentação da carne", para o "pecado". Fica registrado então nas falas dessas meninas, a necessidade de frisar que o corpo da mulher deva ser cuidado, limpo, imaculado e conformado, não porque seja um corpo que se encontre na sua

essência e identidade, mas porque precisa ser um corpo submisso ao seu destino.

Para as meninas de rua, o corpo da mulher também não se apresenta maquiado puramente de uma estética física:

*"Limpo... um corpo limpo sem marca... marca assim de corte, muitas coisas, uma ferida, uma tatuagem... e tem que ter higiene, andar assim... sempre limpa". 15 anos*

*"Eu acho que as mínimas coisas que a pessoa tem que ter é limpeza no corpo... tratar o corpo. Porque eu acho que a limpeza é importante e a saúde. A gente tem que tratar a gente prá... eu acho que a gente tem que tratar o nosso corpo". 15 anos*

Para essas meninas, o "corpo ideal de mulher" se apresenta como um corpo sem as marcas da violência das ruas. Num país com grandes problemas sociais a violência está em todo lugar, mas é especialmente na rua, no espaço público, onde ela é maior. Saffioti (1996, 154) diz que "pertencer à categoria do sexo feminino constitui um *handicap* no terreno da violência. Primeiro porque a mulher, em média, tem menos força física que o homem. Segundo porque, embora a mulher, via de regra, revide a agressão ou tente se defender dela de outras formas, estes atos são malvistas pela sociedade, que só legitima a violência praticada por homens." É nas ruas onde a rotinização da violência ocorre com mais frequência. Para um cotidiano recheado de incertezas, a busca de um corpo ideal se registra especialmente na imagem de um corpo que não seja maquiado das marcas das agressões sofridas nas ruas. A mensagem da necessidade da higiene corporal parece ser uma coisa aprendida nas relações de intercâmbio com alguns setores da sociedade dita organizada.

Neste trabalho, as diferenças encontradas nas representações sociais dos ideais de corpo de mulher nos trazem

## Mulheres e imagem corporal: o corpo ideal ou um ideal para um corpo?

a conexão da classe social e os ideais de beleza e imagem corporal. Sendo identificado como um espaço de coerção social (Foucault, 1978, Butler, 1990, 1993) o corpo tem sua materialidade vista e/ou reconhecida à luz da ordem social que constitui e normatiza este espaço (Slicer, 1998). Assim, o corpo se apresenta como *locus* para configuração e reconfiguração da identidade, sexualidade e gênero (Butler, 1990, 1993; Gaard, 1998 e Hess, 2001).

Não se pode dizer que todas as adolescentes estiveram submetidas às mesmas idealizações, mas pode-se ver que quase todas buscavam um ideal, que podia não ser o mesmo, mas ainda assim era um ideal. Quando a estética apareceu, o que se viu foi um "corpo ideal de mulher" fragmentado em partes, que deviam cada uma, corresponder a um formato considerado atraente e/ou necessário para sua identidade de corpo de mulher. Um corpo fragmentado mas perfeito!. Um corpo limpo e imaculado. Um corpo sem marcas da vida de rua. Um corpo ideal para que possa ser aceito e reconhecido como um corpo de mulher.

Este trabalho contou com recursos de financiamento do CNPq. Agradeço à Fabiana e Walcida, bolsistas do PIBIC/CNPq, pela ajuda na parte prática da pesquisa como levantamento de dados e transcrição de fitas.

---

### Referências bibliográficas

Butler, J. (1993). *Bodies that matter*. New York: Routledge.

\_\_\_\_\_. (1990). *Gender trouble*. New York: Routledge.

Dittmar, H. (2000). The "body beautiful": English adolescents' images of ideal bodies. *Sex Roles: A Journal of Research*, maio. [www.findarticles.com](http://www.findarticles.com)

Etcoff, N. (1999). *A lei do mais belo*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

Foucault, M. (1978). *The history of sexuality*. Vol.I: *An introduction*. New York: Pantheon.

Gaard, G. (1998). Hicking without a map: Reflections on teaching ecofeminist literary criticism. Em: Gaard, G. & Murphy, P.D. (Orgs). *Ecofeminist Literary Criticism: Theory, interpretation, pedagogy*. (pp 224-248) Urbana and Chicago: University of Illinois.

Jardim, J. M. (1996). Informação e Representações Sociais. Em: *Transinformação: Temas em Debate* 8 (1) janeiro/abril, [www.puccamp.br/~biblio/jardim81.html](http://www.puccamp.br/~biblio/jardim81.html)

Hess, J. B. (2001). *Regulating/representing the body: South Africa a syllabus*. Em: [www.findarticles.com](http://www.findarticles.com)

Minayo, M.C.S. (1994). *Qualidade de vida: Compromisso da epidemiologia*. Belo Horizonte: CODPMED/ABRASCO.

Passos, E. (1999). Gênero e identidade. Em: Álvares, M. L. M. & Santos, E. F. (Orgs), *Olhares e Diversidades: Os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste* Belém: REDOR/GEPEM.

Saffioti, H.I.B. (1997). No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual. Em: *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil* Rio de Janeiro: Record/Editora Rosa dos Tempos.

Slicer, D. (1998). Towards an ecofeminist standpoint theory: bodies as grounds. Em: Gaard, G. & Murphy, P. D. (Orgs). *Ecofeminist Literary Criticism: Theory, interpretation, pedagogy*. (pp 49-73) Urbana and Chicago: University of Illinois.

Sobral, R.C. (1997). Redescobrimo a vida: Desfazendo e refazendo as relações de gênero. Em: Álvares, M. L. M. & Santos, E. F. (Orgs) *Desafios de Identidade Espaço-Tempo de Mulher* Belém: CEJUP/REDOR, 1997.